

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO, Maio/2008 – Vol. III

DE UMA QUESTÃO LIT(O/E)RAL À LINGÜÍSTICA POSSÍVEL

Paulo Sérgio de SOUZA Jr.
(Orientadora): Profa. Dra. Nina V. de Araújo Leite.

RESUMO: Este trabalho baseia-se no projeto *(Não-)relações: lingüística e psicanálise na obra “L’amour de la langue”, de J-C. Milner* (2008/Fapesp), que visa dar seguimento a uma tradução crítica — para estudo da obra do referido autor —, sobre a qual serão levantadas questões a respeito dos apontamentos aí feitos com relação à Lingüística enquanto ciência, e da existência de um “litoral” que é encontrado se nos dirigirmos a um determinado campo do saber: uma certa psicanálise dita lacaniana.

Palavras-chave: teoria lingüística; epistemologia; psicanálise lacaniana.

Introdução

«[...] leiam Saussure, e, já que um campanário pode
esconder até mesmo o sol, esclareço que não
se trata da assinatura encontrada na psicanálise,
mas de Ferdinand, que pode ser chamado
fundador da Lingüística moderna »
— J. Lacan
(*A coisa freudiana*, pp. 414-15)

Jean-Claude Milner¹ traz nessa obra um momento de seu percurso como estudioso da linguagem, e nos situa frente ao seu encontro com diversas reflexões psicanalíticas; e, o que aqui nos interessa, frente às perguntas com relação à própria Lingüística que esse encontro lhe possibilitou.

Pretendemos, então, lançar nosso olhar sobre esse caminho à luz de algumas obras de Jacques Lacan — em que ecoam remissões a Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson —, que nos permitirão até mesmo tangenciar discussões a respeito das influências que a Lingüística exerceu em suas formulações primeiras no campo da Psicanálise.

Dessa forma, traremos alguns questionamentos concernentes aos estudos lingüísticos, que nos ajudarão a refletir sobre o que se produz aí como

¹ J-C. Milner (1941-), professor de Lingüística e membro do conselho científico na Universidade Paris VII, e presidente do Colégio Internacional de Filosofia.

conhecimento — na medida em que a composição do que se pode chamar por *ciência da linguagem* deixa de fora, constitutivamente, elementos que se tornam relevantes a um estudo da Lingüística em suas tantas interfaces.

A linguagem aos olhos da Psicanálise

“La linguistique n’est pas seule à s’occuper du langage et des langues”², nos diz J-C. Milner em seu texto intitulado *Linguistique et Psychanalyse*³. Isso bem se pode notar. Antropologia, Filosofia, Psicologia, Neurologia: as preocupações que dizem respeito a questões de linguagem têm suas origens nas mais diversas áreas.

Perguntar-se-á em que medida a psicanálise tem que tomar conta, em sua prática e em sua teoria, de dados tais como a diversidade das línguas, os fenômenos de tradução, a morfologia, o léxico, a sintaxe de uma língua particular. A literatura psicanalítica abunda em exemplos onde tais dados se revelaram pertinentes, tanto junto aos freudianos da primeira geração [...] quanto nos trabalhos mais recentes, marcados pelo ensino de Jacques Lacan.⁴

Por sua vez, ao figurar seu campo como mais uma das preocupações relativas à linguagem, Jacques Lacan — em seu conhecido discurso do ano de 1953 — faz da fundação da Lingüística moderna uma das possíveis maneiras de se entender o domínio no qual se dá o exercício da Psicanálise.

Não é certo que a lingüística tenha de tratar de todos os fenômenos que se manifestam da linguagem. Sabe-se, em particular, que Saussure havia excluído de seu campo tudo o que advinha da fala, como lugar de emergência do sujeito. Ora, e é a primeira tese do Discurso de Roma de Jacques Lacan, se se toma a fala no sentido saussuriano, é precisamente ela que determina o domínio onde se exerce a psicanálise.⁵

² «A lingüística não é a única a se ocupar da linguagem e das línguas» (*tradução nossa*)

³ MILNER, J-C. *Linguistique et Psychanalyse* (ver Bibliografia/outras referências).

⁴ *idem*. «On demandera dans quelle mesure la psychanalyse a à tenir compte dans sa pratique et dans sa théorie de données telles que la diversité des langues, les phénomènes de traduction, la morphologie, le lexique, la syntaxe d’une langue particulière. La littérature psychalytique abonde d’exemples où de telles données se sont révélées pertinentes, tant chez les freudiens de la première génération [...] que dans les travaux plus récents, marqués par l’enseignement de Jacques Lacan.»

⁵ *idem*. « Il n’est pas certain que la linguistique ait à traiter de tous les phénomènes qui revèlent du langage. On sait en particulier que Saussure avait exclu de son champ tout ce qui relevait de la parole, comme lieu d’émergence du sujet. Or, et c’est la première thèse du Rapport de Rome de Jacques Lacan, si l’on prend la parole au sens saussurien, c’est elle précisément qui détermine le domaine où s’exerce la psychanalyse. »

¹In *Liuraterra*, p.18.

No entanto, Milner vem nos atentar para uma reserva que, segundo ele, deve ser feita a esse respeito, e que nos mostra que a relação constituída entre esses dois campos do saber se dá de uma forma particular. Não se trata de complementaridade: de fato, Linguística e Psicanálise comportam, uma frente a outra, o que poderíamos chamar por *não-relações* — à medida que não apenas não cabe a uma se modificar ou se complementar a partir do que é apontado pela, ou trazido com a outra, mas também porque há uma impossibilidade dada em fazê-lo, já que se tratam de campos radicalmente heterogêneos. E é por isso que, aqui, ao situar o encontro dos dois, não falaremos em ‘fronteiras’

Dentro desta perspectiva, é claro, a fronteira é pensada em sua condição de passagem. É curioso o ponto de partida de Jacques Lacan em relação a este ponto quando diz que “a fronteira, com certeza, ao separar dois territórios, simboliza que eles são iguais para quem a transpõe, que há entre eles um denominador comum”⁶. (SOUSA, 2006).

mas sim, por ser mais apropriado, nos utilizaremos do conceito lacaniano de ‘litoral’.

É neste mesmo texto *Lituraterra* que Lacan indica uma diferença que pode nos ajudar em nossa reflexão. Lacan propõe o termo litoral para marcar a radicalidade de um encontro de heterogêneos, já que se trata de duas superfícies distintas: mar e terra. A fronteira, como já vimos, muitas vezes institui uma diferença em espaços homogêneos. Encontrar, portanto, alguns litorais implica uma radicalidade de identificação de limites fundamentais para sabermos qual o ponto de partida que permite um contato efetivo com o outro, com a alteridade, com o estrangeiro.

Segue-se, então, que “as dimensões da linguagem que mais importam à psicanálise são justamente aquelas que a linguística não trata”⁶. E é precisamente ao falar de impossibilidades que o autor abre *L’amour de la langue*, então, com a seguinte frase: “*Le champ freudien est coextensif au champ de la parole. Mais la parole elle-même ne va pas en tous sens, se heurtant sans cesse à ceci que tout ne se dise pas*”⁷ (p. 7). Inaugura, assim, um espaço para apresentação de considerações no que se refere à ciência e às armadilhas que ela comporta; a um interesse particular sobre a linguagem oriundo da psicanálise, e à língua como detentora de uma ordem própria (não redutível a nenhuma outra), como algo que comporta um impossível,

⁶ *idem*. «Il s’ensuit que les dimensions du langage qui importent le plus à la psychanalyse sont justement celles que la linguistique ne traite pas».

⁷ «O campo freudiano é co-extensivo ao campo da fala (*parole*). Mas a fala ela-mesma não vai em todos os sentidos, se chocando incessantemente a isso que tudo não se diz». (*trad. nossa*)

A psicanálise tem aqui apenas uma tomada que valha: enunciar que, em matéria de língua, a ciência possa faltar. (Milner, 1978, p. 9)⁸

e pelo qual alguém pode vir a se “tomar de amores”.

Milner, ao longo da obra, discute o estatuto da Lingüística não apenas enquanto um campo do saber evidentemente preocupado com questões de linguagem, mas também como uma ciência que, como tal, exerce um corte epistemológico a fim de definir seu objeto de estudo — o que não é sem conseqüências, como ele mesmo afirma.

A lingüística deseja ser uma ciência [...]. De sorte que [...] se encontra afetada por todos os equívocos e hesitações que marcam a questão da ciência.⁹ (Milner, 1989, p. 9)

Juntamente, traz da Psicanálise um certo entendimento da noção de sujeito — *parlêtre* (‘falasser’): o ser enquanto falante — e, com isso, atinge uma questão relevante do ponto de vista da peculiaridade da preocupação do lingüista: alguém que toma como objeto aquilo mesmo que o causa enquanto sujeito.

Nesse sentido, o autor nos coloca diante de formulações sustentadas pelas discussões psicanalíticas e lingüísticas, amparadas por um rico arsenal filosófico que nos permite dirigir a atenção à algumas aporias nos estudos da linguagem — no que se refere à Lingüística — e refletir, *via* psicanálise, sobre a figura do próprio lingüista: que é, aqui, o lugar no qual nós mesmos nos inserimos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BERNARDES, A. ; CASTRO, F. ; FIGUEIRA, R. ; SCARPA, E. (org.) *Cadernos de estudos lingüísticos*. Nº 47 (1) e (2). IEL-Unicamp. Campinas : 2005.
- CAMPOS, H. (1998) “O afreudisíaco Lacan na galáxia de lalíngua – Freud, Lacan e a escritura”. In *Correio, Escola Brasileira de Psicanálise*, No. 18/19 – Janeiro.
- LE GAUFEY, G. (1996) *L'incomplétude du symbolique - de René Descartes à Jacques Lacan*, Paris: E.P.E.L.
- LACAN, J. (1998) “A coisa freudiana”. In *Escritos*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro.
- _____. (1998) “A instância da letra no inconsciente”. In *Escritos*. J. Zahar: Rio de Janeiro.
- _____. (1998) “Função e campo da fala e da linguagem”. In *Escritos*. J. Zahar: Rio de Janeiro
- _____. (2003) “Lituraterra”. In *Outros Escritos*. J. Zahar: Rio de Janeiro.
- MINER, J.-C. (1978) *L'amour de la langue*. Seuil: Paris.
- _____. (1987) *O amor da língua*. (Trad. Â. C. Jesuíno). Artes Médicas: Porto Alegre.
- _____. (1983) *Les noms indistincts*. Seuil: Paris.

⁸ «La psychanalyse n'a ici qu'une seule prise qui vaille: énoncer qu'en matière de langue, la science puisse manquer».

⁹ «La linguistique désire être une science.[...] En sorte que [...] se trouve affectée de toutes les équivoques et hésitations qui marquent la question de la science».

- _____. (1989) *Introduction à une science du langage*. Seuil: Paris.
- POMMIER, G. (2004) *Qu'est-ce que le "Réel" ? Essai psychanalytique*. Ed. Érès: France.
- SOUSA, E. (2006) "Furos no futuro: utopia e cultura". In: Fernando Schüler; Marília Barcellos. (Org.). *Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo*. Porto Alegre: Editora Sulina, p. 167-180.

Outras referências :

Revue électronique multilingue de psychanalyse (publiée à Paris par J.-A. Miller)

<http://www.lacanian.net/Ornicar%20online/index.htm>

DE LEMOS, C. *Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação* (versão resumida de artigo publicado no Congresso Internacional sobre Desenvolvimento Humano: Abordagens Histórico-Culturais, organizado pela Universidade de São Marcos, setembro/1999), 2001.

<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling17.htm>

MILNER, J-C. *Linguistique et psychanalyse*. (artigo escrito para a Encyclopédie Universalis, gentilmente fornecido pela Profª. Drª. Viviane Veras)

www.universalis.fr/corpus-

[encyclopedie/17/M925611/encyclopedie/LINGUISTIQUE_ET_PSYCHANALYSE.htm](http://www.universalis.fr/corpus-encyclopedie/17/M925611/encyclopedie/LINGUISTIQUE_ET_PSYCHANALYSE.htm)